

INTRODUÇÃO

O Mestrado de Qualificação para a Docência em Ensino Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico surge na sequência da Licenciatura em Educação Básica, que por si só, de acordo com o DL n.º43/2007 de Fevereiro, não habilita para a docência, sendo necessária a frequência do referido mestrado que decorre ao longo de três semestres e inclui, no 1.º e 2.º semestres, a realização de uma componente de estágio na valência de Pré-Escolar, e no 3.º semestre em 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para a obtenção do grau de mestre é solicitada aos estagiários a apresentação de um relatório final de estágio que englobe os três semestres, acima referidos e, consequentemente, os estágios nas duas valências.

Com a realização dos estágios e do relatório final, é pretendido que os discentes sejam capazes de desempenhar as funções de docentes, articulando conhecimentos científicos, pedagógicos e tecnológicos, e tenham ainda a capacidade para analisar e reflectir sobre a sua prática.

Assim, o estágio ao longo da formação de docentes demonstra-se fundamental, uma vez que permite o contacto directo com a prática docente, com instituições de ensino, professores, educadores, crianças e famílias.

O presente relatório consiste num documento dividido em dois capítulos correspondentes a cada uma das valências em que os estágios foram realizados.

O estágio em Educação Pré-Escolar realizou-se ao longo do ano lectivo 2011/2012, no Colégio Planalto, com um grupo de crianças na faixa etária dos cinco anos, ao longo de duas manhãs por semana. Para desenvolver o seu trabalho prático em contexto de estágio, a estagiária teve por base as OCEPE, as Metas de Aprendizagem para o EPE, os perfis específico e geral dos educadores e professores, correspondentes aos Decretos-lei n.º 240/2001 e 241/2001, e outros documentos considerados importantes, como o Projecto Educativo da Instituição e planos mensais de trabalho. As intervenções foram norteadas por um Plano Curricular Anual e respectivas perspectivas educacionais para o grupo, elaborado pela estagiária com a colaboração da educadora cooperante e de acordo com a articulação dos documentos anteriormente referidos.

Na primeira parte do primeiro capítulo deste relatório, com incidência no estágio na valência de Pré-Escolar, é feita uma breve contextualização da prática, caracterizando a instituição, o grupo de crianças, o projecto pedagógico que orientava a prática e a forma como se concretizava, no tempo e no espaço disponíveis. Para a realização das referidas caracterizações foram utilizadas várias metodologias e instrumentos que serão referenciados ao longo do relatório. Ainda são descritas brevemente algumas actividades que a discente considerou mais significativas para a aprendizagem das crianças e para a sua formação profissional.

Na segunda parte do mesmo capítulo, é feita uma breve análise sobre um aspecto que causou algum constrangimento ao longo do estágio, designado por problemática, relacionado com as estratégias de motivação na base do sucesso ou fracasso da aquisição de competências no EPE.

A terceira e última parte deste capítulo engloba uma reflexão realizada pela formanda, acerca do seu percurso ao longo de todo o estágio, do modo como planeou e realizou as suas intervenções, das dificuldades que sentiu, da forma como foram ou não superadas e ainda da importância que o estágio em EPE teve na sua formação enquanto futura docente.

O estágio em 1.º CEB realizou-se durante o primeiro semestre do ano lectivo 2012/2013, no colégio Paula Frassinetti, com uma turma do 2.º ano, durante quatro manhãs por semana. Para desenvolver o seu trabalho, a estagiária baseou-se nos programas e competências essenciais para o 1.º CEB, nos padrões de desempenho docente e no projecto educativo da instituição. As intervenções basearam-se num projecto pedagógico que definiu, articulando os documentos atrás referidos, com a programação prevista pela professora cooperante.

Na primeira parte do segundo capítulo, à semelhança do que foi feito no primeiro capítulo, é apresentada uma breve caracterização da instituição e do grupo de crianças que estiveram envolvidas no estágio em 1.º CEB.

Na segunda parte do segundo capítulo é feita uma resumida apresentação do projecto pedagógico que foi elaborado e implementado, assim como uma reflexão e uma conclusão sobre o estágio.

Finalmente, apresenta-se uma conclusão sobre todo o estágio.

CAPÍTULO I – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA I E II

1. APRESENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL NO EPE

O estágio na valência de pré-escolar desenrolou-se ao longo de duas manhãs por semana (3.^a e 4.^a feira), das 8:30 às 13:00, durante o ano lectivo 2011/2012. Iniciou-se a 18 de Outubro de 2011 com uma fase de oito sessões de observação, seguindo-se, a partir de 15 de Novembro de 2011, as intervenções da discente, que decorreram até ao dia 22 de Junho de 2012 no Colégio Planalto, situado em Telheiras. Este estágio foi supervisionado pela Mestre Fernanda Rodrigues e contou com o apoio da Educadora cooperante Cristina Correia.

O grupo era constituído por vinte e duas crianças, na faixa etária dos cinco anos (completos até Dezembro de 2011). As crianças nesta faixa etária encontram-se, segundo Piaget (Papalia *et Al* 2001) no estágio pré-operatório, o que significa que possuem a capacidade de utilizar representações mentais atribuindo-lhes significado (função simbólica), de compreender o conceito de identidade, possuem já também a capacidade de classificar e já compreendem o número. Esta fase é também caracterizada pelo egocentrismo e pelo animismo (atribuição de vida a objectos inanimados).

1.1. Caracterização da instituição

A organização do ambiente educativo constitui o suporte do trabalho curricular do educador. O contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças DEB (1997). A partir destas afirmações, mostra-se relevante caracterizar a instituição onde decorreu o estágio em pré-escolar.

A breve caracterização da instituição aqui apresentada foi construída com base na análise documental da página de *internet* do Colégio Planalto, nas observações registadas na ficha de caracterização da instituição (Anexo A), elaborada pela discente, nas conversas com a educadora cooperante e directora pedagógica, na entrevista à educadora cooperante (Anexo B) e na entrevista à coordenadora pedagógica (Anexo C).

O Colégio Planalto localiza-se no bairro de Telheiras, pertencente à freguesia do Lumiar, concelho de Lisboa, mais precisamente na rua Armindo Rodrigues, n.º 28.

É uma instituição privada, propriedade da Cooperativa Fomento de Centros de Ensino, criado em 1978 por um grupo de pais, liderado pelo Eng.º Jorge Jardim Gonçalves e sua esposa, que pretendiam para os seus filhos uma educação integral e completa, segundo o conceito de educação personalizada, envolvendo as famílias o mais possível na vida do colégio. A Cooperativa Fomento administra quatro colégios sendo dois em Lisboa, Mira Rio e Planalto, e dois no Porto, Horizonte e Cedros.

O Colégio Planalto iniciou a sua actividade em 1978 com alunos do 1.º ao 6.º ano. Em 1983 passou das suas instalações do Restelo para as instalações actuais que foram construídas de raiz para receber o colégio. Em 1997 iniciou-se o pré-escolar neste colégio. Hoje possui todos os níveis de ensino desde a creche ao ensino secundário.

No que diz respeito às características físicas o colégio está dividido em duas partes, o Colégio Planalto propriamente dito, que acolhe os alunos do 1º, 2º, 3º ciclos e ensino secundário, e o Planalto Infantil, onde existe a creche e o jardim-de-infância.

A ala onde se situa o planalto infantil foi construída há cerca de dezassete anos, há cinco anos foi reformulada para acolher a creche e é composta pelas seguintes zonas:

- Zona da creche composta por quatro salas, respectivas instalações sanitárias e um recreio coberto;
- Zona do jardim-de-infância composta por sete salas e respectivas instalações sanitárias, um dormitório e dois recreios parcialmente cobertos;
- Zonas comuns da creche e do jardim-de-infância compostas por gabinete das coordenadoras administrativa e pedagógica, uma sala de educadoras, três salas de atendimento a pais, instalações sanitárias para educadoras, auxiliares e visitas, um gabinete de inglês, uma sala polivalente, duas arrecadações e uma despensa de material de limpeza.

De uma forma geral o colégio apresenta boas condições e é de salientar que existe um grande cuidado na manutenção dos espaços.

Ao nível dos recursos humanos, o colégio conta com dez educadoras a tempo inteiro, uma educadora a tempo parcial, doze auxiliares, sendo que duas são

polivalentes, duas auxiliares de serviços gerais, duas professoras de inglês, uma administrativa, um professor de música (AEC), uma professora de ballet (AEC) e um professor de futebol (AEC), sendo que os docentes das actividades extracurriculares são funcionários de empresas contratadas pelo colégio.

Na instituição não existe psicólogo nem educadores especializados em NEE, pois segundo a coordenadora não é da competência da escola prestar estes serviços. O papel do colégio é sinalizar e encaminhar quando necessário.

O colégio funciona durante todo o ano, encerrando apenas no mês de Agosto. O horário de funcionamento do pré-escolar é das 8h00m às 19h00m, sendo o horário das educadoras das 9h00m às 16h00m (horário em que é implementado o projecto). Fora desse horário as crianças são acompanhadas pelas auxiliares de educação.

É ainda importante referir que neste colégio se realizam reuniões semanais entre os técnicos do jardim-de-infância; reuniões mensais com o Colégio Mira Rio, sobre as unidades temáticas; reuniões pedagógicas duas vezes por mês e reuniões com encarregados de educação de três em três meses.

No que diz respeito aos ideais e projectos da instituição, segundo a educadora cooperante, o colégio tem uma base cristã e de educação personalizada e diferenciada por género. A partir do 1º ano do 1.º CEB este colégio é só masculino.

O Planalto segue o projecto “*Optimist*”, os Colégios Fomento são os únicos em Portugal habilitados a implementar este projecto e isso torna-o confidencial. Este projecto consiste, segundo a coordenadora, na estimulação orientada de todos os níveis de desenvolvimento, através de uma intervenção muito estruturada. É composto por catorze programas trabalhados mensalmente. É um ensino em espiral, pois tudo o que se faz quando as crianças têm três anos repete-se nos quatro e nos cinco, alterando apenas o nível e o grau de exigência. Todas as actividades são trabalhadas diariamente no mesmo horário, com a mesma intensidade.

Os grupos estão divididos por faixas etárias e para cada grupo existe uma educadora e uma auxiliar.

Por fim, no que se refere à relação do colégio com os pais, de acordo com informações dadas pela coordenadora existem reuniões trimestrais e atendimentos

individuais aos pais no intuito de dar a conhecer o ponto de situação relativo à aprendizagem dos seus filhos e envolvendo-os no seu processo de aprendizagem. Trimestralmente existe ainda uma sessão onde se convida uma personalidade ligada à área da família ou da educação para partilhar conhecimentos com os pais. O colégio promove ainda formações para pais e em cada turma são eleitos pais como casais encarregados da colaboração familiar, que desenvolvem diversas actividades para os pais, com a finalidade de estabelecer laços de amizade entre as famílias dos alunos do colégio.

1.2. Caracterização do grupo de crianças

Para a realização da caracterização do grupo foram utilizados os registos de observação da discente, as “check-lists” de competências, as conversas com a educadora cooperante e posterior registo na ficha da classe (Anexo D).

Segundo o DEB (1997) é importante observar cada criança e o grupo de modo a conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, assim como o seu contexto familiar, com o intuito de adequar o processo educativo às suas necessidades (DEB, 1997). Assim, torna-se pertinente a realização desta caracterização.

O grupo observado foi a sala dos cinco anos, do ensino pré-escolar, constituído por vinte e duas crianças sendo dezasseis rapazes e seis raparigas com cinco anos completos até Dezembro de 2011.

Segundo a educadora cooperante, era um grupo em continuidade pois mantinha-se desde os três anos, apenas entraram duas crianças novas, uma de quatro e outra de cinco anos. Eram crianças provenientes de uma classe socioeconómica médio-alta, os pais possuíam cursos superiores, residiam na sua maioria nas imediações do colégio, deslocando-se para este através de carro ou de transporte especializado contratado.

Todas as crianças à excepção de uma viviam com ambos os pais e com os irmãos. Algumas crianças participam nas actividades extracurriculares promovidas pelo colégio, sendo elas ballet, futebol e música.

A educadora cooperante que apoiou a discente no estágio foi a educadora Cristina Correia, que fez a sua formação na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich. Contava já com mais de 20 anos de experiência na área de educação.

Acompanhou algumas crianças do grupo na creche e depois voltou a orientar o grupo aos 4 anos. Tem o horário das 9 horas às 16 horas, trabalhando o projecto “*Optimist*”.

De uma forma geral, pelo que foi possível observar relativamente ao grupo, a discente verificou que é bastante assíduo e pontual, é um grupo bastante falador e possui vários elementos com um comportamento desajustado, na medida em que se desmotivam muito facilmente levando os colegas a entrarem nas suas brincadeiras. Não conseguem por exemplo estar sentados em roda sem estarem constantemente a falar e a provocar os colegas.

Quando se consegue motivar as crianças, mostram empenho na realização das actividades propostas, estão sempre abertos a aprender coisas novas, o que se torna um desafio e uma grande motivação para o educador, pois tem de procurar estratégias muito apelativas que se adaptem às diferentes competências que se pretende desenvolver. É um grupo curioso, que gosta de questionar, e na maioria das brincadeiras livres de “faz-de-conta” age por simulação. Imitam quer os pais quer a educadora.

No que se refere ao desenvolvimento social e emocional do grupo, são crianças que se relacionam bem entre si, são unidas e ajudam-se, brincam bastante umas com as outras. No entanto demonstram muitas vezes alguma dificuldade em resolver conflitos sem a ajuda do adulto.

Na generalidade, as crianças da sala apresentam um bom desenvolvimento físico motor. Isto foi possível observar quer nas brincadeiras livres quer no circuito motor.

Ao nível da expressão oral e da escrita, de uma forma geral as crianças articulam bem as palavras e possuem um vasto vocabulário. Reconhecem e escrevem correctamente o seu nome, já fazem a leitura de algumas palavras e frases curtas. Conseguem recontar uma história e no que se refere ao desenho já representam a figura humana com algum pormenor.

A maioria das crianças é já bastante autónoma, vestem-se sozinhas, pedem para ir à casa de banho e realizam algumas tarefas dentro da sala. As suas actividades preferidas são na maioria a leitura de livros, brincar com jogos e fazer plasticina.

É ainda importante referir o enorme carinho que a educadora cooperante e a auxiliar de educação demonstram pelo grupo, utilizam sempre um vocabulário bastante variado e estimulante quando se dirigem às crianças.

Não menos importante é ainda a relação com os pais. Segundo a educadora, os pais das crianças deste grupo são bastante exigentes, muito preocupados e participativos em todas as acções realizadas pelo colégio. Esta relação de proximidade com a família é de grande importância pois vai ao encontro de (DEB, 1997) que considera que os pais são os principais responsáveis pela educação das crianças têm também o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos.

2. TRABALHO PEDAGÓGICO EM SALA

No Colégio Planalto infantil, assim como nos restantes colégios pertencentes à Cooperativa Fomento, como referido anteriormente, toda a prática pedagógica do jardim-de-infância é orientada de acordo com o projecto “*Optimist*”. Trata-se de uma metodologia que tem por objectivo proporcionar às crianças uma estimulação rica e orientada, para que alcancem, de acordo com as condições pessoais de cada um, níveis de maturidade, desenvolvimento e aprendizagem excelentes. Este projecto chega às educadoras na forma de um guião de trabalho o que leva todas as educadoras da mesma faixa etária a trabalhar exactamente os mesmos temas nos mesmos dias.

Segundo informações recolhidas no *site* da instituição, as linhas orientadoras deste projecto assentam na área do desenvolvimento neuro-motor, na detecção precoce das dificuldades de aprendizagem, na aprendizagem da leitura e da escrita, no desenvolvimento lógico-matemático, na aprendizagem do Inglês e no desenvolvimento religioso das crianças.

No colégio todas as salas são organizadas da mesma forma: possuem quatro mesas de cores diferentes, onde são trabalhadas, respectivamente, as seguintes áreas: leitura/escrita (amarelo), matemática (azul), plástica (vermelho) e experiência (verde). Perto de cada uma destas mesas existe uma estante onde se encontram os materiais pedagógicos relacionados com a área, assim como o respectivo placar onde são afixados os trabalhos das crianças nessas áreas.

Em todas as salas existe uma zona livre onde as crianças se sentam no chão para actividades em grande grupo e ainda um cantinho temático que é construído mensalmente com a participação das crianças, relacionado com a temática mensal. No anexo E é possível visualizar uma planta da sala.

Para além da comum organização de todas as salas, estão também devidamente programadas as actividades e as rotinas diárias, com horas exactas em que devem iniciar e terminar as diferentes actividades. A sala dos cinco anos caracterizada pela discente possuía a distribuição de actividades diárias detalhadas no anexo H.

Após algumas semanas de observação e algumas intervenções planeadas de acordo com as orientações da educadora cooperante, em Janeiro de 2012 foram então elaborados pela discente as perspectivas educacionais relativas ao grupo de crianças (Anexo I) e o plano curricular anual (Anexo J), baseado no projecto “Optimist” e nas necessidades do grupo. Este plano foi sofrendo alguns ajustes ao longo do ano para satisfazer algumas necessidades que foram surgindo.

As planificações foram sendo executadas com mais ou menos ajustes, foram realizadas algumas actividades não previstas e outras tiveram que ser adaptadas quer pela inclusão de actividades sugeridas pelas crianças quer pela necessidade de melhor gestão do tempo.

Abaixo apresenta-se um gráfico que demonstra a percentagem de abordagens realizadas em cada área ao longo das 54 intervenções da estagiária, sendo que em cada intervenção foi abordada mais do que uma área de conteúdo.

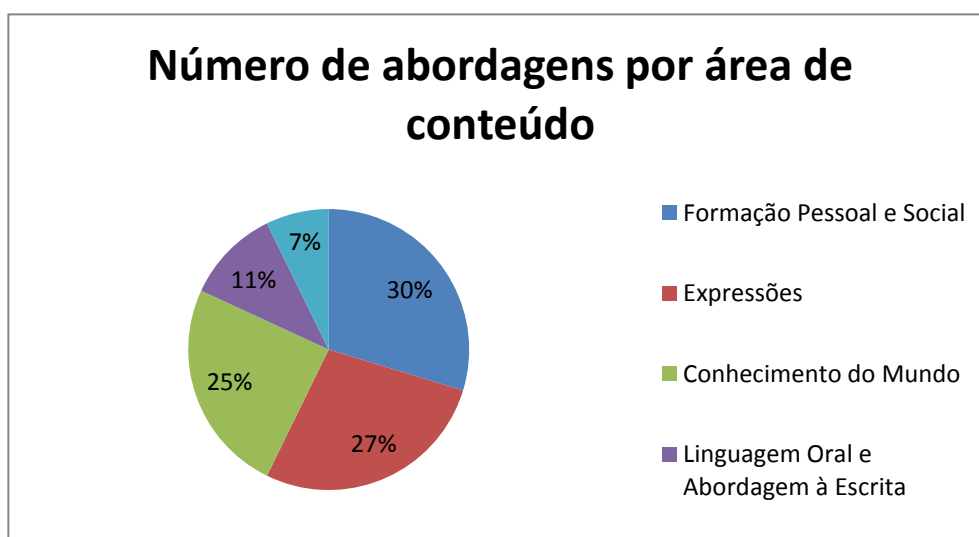


Gráfico 1- Número de abordagens por área de conteúdo em EPE

Para a realização do gráfico acima apresentado foram consideradas 138 abordagens, podemos então concluir que a área mais abordada foi a área da Formação Pessoal e Social com 41 abordagens (30%), seguindo-se a área das Expressões com 38 abordagens (27%), a área do Conhecimento do Mundo com 34 abordagens (25%), a área da Linguagem Oral e Abordagem à escrita com 15 abordagens (11%) e, por fim, a área da Matemática que foi trabalhada 10 vezes (7%).

A partir da análise do gráfico podemos verificar que as áreas da Formação Pessoal e Social, do Conhecimento do Mundo e das Expressões foram as mais trabalhadas, pois dadas as características do grupo, a sua faixa etária e as características do projecto “*Optimist*” verificou-se que estas seriam as áreas mais estimulantes para serem trabalhadas nas intervenções da estagiária, uma vez que ao longo do dia já existiam módulos específicos para a abordagem da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, assim como momentos em que era trabalhada a área da Matemática, como se pode verificar no horário da classe.

2.1- Trabalhos mais significativos em contexto de sala

Ao longo das 54 intervenções algumas destacaram-se por serem mais significativas. As actividades escolhidas pela estagiária foram aquelas em que conseguiu motivar o grupo e captar a sua atenção com maior sucesso.

O primeiro conjunto de actividades surge no tema “ O Universo” (Anexo K) e desenrolou-se ao longo de várias manhãs. Esta temática não estava prevista inicialmente mas tornou-se relevante pois partiu do interesse do grupo.

As perguntas sobre os planetas e outros assuntos relacionados com o Universo eram constantes. A curiosidade sobre este tema foi despertada com a passagem de alguns *bits* de inteligência (Cartões com imagens que serviam para estimular as crianças através dos sentidos) relacionados com os planetas, que fizeram parte das manhãs ao longo do mês de Março.

Como primeira abordagem ao tema, para que fosse possível perceber o que se sabia e o que se queria aprender, a estagiária decidiu escutar as crianças e construir um cartaz com o que cada criança sabia e com as suas curiosidades sobre o tema.

Uma vez que no grupo existiam algumas crianças menos comunicativas, foram utilizados pela estagiária dois objectos como facilitadores de diálogo que saíram como que por magia da “caixa mágica”. Em grande grupo foi passado um telescópio onde cada criança espreitava e, recorrendo à sua imaginação, descrevia o que via. O seu relato era então escrito à frente do seu nome no cartaz com o título “O que sei sobre o Universo”. Quando todos terminaram, foi passado um boneco, neste caso astronauta, e foi solicitado que cada um respondesse à questão “se fosse astronauta o que gostaria de saber sobre o Universo?”. As respostas obtidas foram novamente registadas no cartaz. A partir deste cartaz, a estagiária planificou as suas intervenções seguintes.



Fig. 1 – Cartaz construído inicialmente sobre o tema O Universo

Decidiu então dedicar as intervenções seguintes a responder às curiosidades das crianças. Ao longo de várias manhãs foram realizadas diversas actividades abordando todas as áreas de conteúdo. Foram realizadas algumas pesquisas na *internet* na sala juntamente com as crianças, foram demonstradas algumas teorias sobre o sistema solar como por exemplo a teoria do “*Big Bang*”, algumas experiências, a construção de um modelo do Sistema Solar, assim como a criação de algumas constelações com estrelas de papel, que serviram para trabalhar a área da Matemática, a construção de um

cantinho temático (fig.2) composto por um foguetão em cartão, um fato de astronauta, e terminou com uma sessão de movimento representando as movimentações do Sistema Solar.



Fig. 2 – Cantinho temático sobre o espaço

Estas actividades foram apresentadas à turma do mestrado, no âmbito da unidade curricular de Seminário de Implicações da Prática Pedagógica II, como partilha com as colegas de actividades significativas para a discente (Anexo I).

Com estas actividades a discente conseguiu explorar todas as áreas de conteúdo: a área do Conhecimento do Mundo (utilizando as noções espaciais perto/longe, utilizando o globo como forma de representação da terra, distinguindo unidades de tempo básicas como o dia e noite e as estações do ano, assim como a representação de lugares reais ou imaginários), a área da linguagem oral e abordagem à escrita (permitindo que as crianças questionassem e partilhassem oralmente as suas opiniões), a área da matemática (recorrendo à contagem de estrelas, utilizando a linguagem “mais” e “menos” para realizar comparações) e a área das expressões, ao nível da expressão musical, da dança e da expressão plástica.

Outra actividade que a formanda considera significativa (Anexo M) desenvolveu-se no mês de Abril, em que foi abordado o ciclo do mel. Para trabalhar esta temática a discente utilizou estratégias apelativas e do agrado do grupo. Iniciou o tema apresentando oralmente o ciclo do mel às crianças, à medida que ia conversando retirava da “caixa mágica” um fato de apicultor e ia vestindo. Esta estratégia foi utilizada para captar a atenção das crianças. Depois de completamente vestida retirou da caixa ainda vários objectos utilizados pelo apicultor no seu trabalho como se pode verificar na fig.3.



Fig.3 – Apresentação do tema “Ciclo do Mel”

Foi apresentado ao grupo uma sequência de imagens onde estava descrito todo o processo de transformação do mel e no final da sessão todas as crianças tiveram a oportunidade de explorar os objectos que a estagiária levou (fig.4) e de provar mel. As crianças demonstraram grande entusiasmo ao longo de toda a actividade.



No dia seguinte, com imagens previamente elaboradas, foi solicitado às crianças que organizassem o ciclo do mel. As crianças organizaram-no em grande grupo e de seguida cada um registou através do desenho o ciclo do mel. O resultado final foi bastante satisfatório como se pode verificar no anexo M anteriormente referido.

Através das actividades relacionadas com o ciclo do mel, assim como o que aconteceu nas actividades sobre o Universo, foi possível trabalhar diferentes competências interligando as diferentes áreas de conteúdo. Desde o conhecimento de actividades relacionadas com a primavera, da noção de que os alimentos passam por um processo até chegarem às nossas casas, passando pelo contacto com objectos e profissões que não fazem parte do dia-a-dia das crianças.

É ainda importante salientar que este tipo de actividades só é possível com uma preparação antecipada das intervenções, uma vez que requer muitos materiais.

3. PROBLEMÁTICA EM CONTEXTO DE ESTÁGIO

Na realização do estágio em EPE, foi proposto à discente que identificasse de uma problemática relacionada com a sua intervenção na sala, apoiada por uma breve investigação que, segundo Tuckman (2000), deve ser uma tentativa de resposta às questões, na medida em que é um processo de identificação de problemas, construção de uma hipótese e apresentação de algumas conclusões.

A temática escolhida para a problemática foi a motivação no EPE, mais especificamente as estratégias de motivação na dinâmica dos grupos.

Durante a Licenciatura que antecedeu o presente Mestrado, fizeram parte do plano de estudos diversas unidades curriculares acerca de conceitos e teorias da Psicologia. No decorrer destas unidades curriculares houve a oportunidade de a formanda contactar com diversas teorias que poderiam explicar alguns comportamentos do ser humano, levando à melhor compreensão das crianças e da forma de agir da discente.

Ao longo do estágio realizado em pré-escolar, a discente deparou-se com uma dificuldade na altura em que iniciou a intervenção: o grupo, como anteriormente referido, era um grupo complexo ao nível do comportamento e a discente já tinha sido alertada para o facto de as crianças serem difíceis de motivar e com fraca atenção.

Como anteriormente referido, o tempo de intervenção da formanda era apenas de 30 minutos, o que, por si só, já limitava de certa forma as intervenções. Para além deste facto, devido às características do modelo “Optimist”, o momento em que a discente intervinha era o mais lúdico e onde havia uma maior liberdade das crianças.

Nas primeiras intervenções da discente, sensivelmente até Dezembro, foi notória a falta de motivação do grupo e a forma como ela tinha impacte no decorrer das actividades. A discente sentiu muitas dificuldades em controlar o grupo, pois as estratégias que estava a utilizar para captar a atenção do grupo não estavam a ser eficazes. Por exemplo, quando iniciava a actividade contando uma história (contada utilizando vários tons de voz e interagindo com o grupo) tinha que a interromper por diversas vezes, pois as crianças levantavam-se, brincavam umas com as outras, agrediam-se e deitavam-se no chão, ignorando completamente o adulto. Este desinteresse era também recorrente noutro tipo de actividades, como por exemplo jogos ou pintura, apesar de estas serem as actividades preferidas das crianças.

Os primeiros meses de intervenção foram por um lado desmotivantes para a discente, pois todas as estratégias que estava a utilizar não tinham o efeito desejado, mas, por outro, levaram a discente a procurar alternativas para que pudesse ultrapassar as dificuldades. Assim a formanda apresenta, abaixo, as teorias que ajudaram a resolver os problemas de motivação das crianças com quem estagiou.

A motivação é uma temática que tem sido debatida ao longo dos anos por pedagogos e psicólogos, no sentido de estudar e compreender as atitudes do ser humano. Para os docentes, a motivação não pode ser esquecida, pois o facto de os alunos estarem ou não motivados pode interferir na aquisição de competências.

Balancho e Coelho (1996) consideram que a motivação, como processo, é aquilo que incentiva ou não uma conduta, que apoia uma actividade progressiva, levando-a num determinado sentido. É tudo o que desperta, dirige e condiciona a conduta.

Em contexto escolar a motivação está ligada à aprendizagem, é necessário estar-se motivado e interessado para aprender e por isso o educador tem o papel de promover a motivação, mesmo quando os alunos não aparentam à partida grande pré-disposição para a aquisição das aprendizagens.

É importante ainda perceber o que é interesse. Para Balancho e Coelho (1996) o que tem interesse prende a atenção, mas pode não ter força suficiente para conduzir à acção, a qual exige o esforço de um motivo determinante da vontade.

Surge então a questão: porquê a importância de se motivar o processo didáctico?. As crianças têm sempre que perceber qual a finalidade ou objectivo das diferentes actividades, para que possa encontrar a razão que justifique o seu trabalho e empenho. Isto vai ao encontro de Balancho e Coelho (1996) que consideram que, na escola, a motivação é essencialmente intencional. Assim, é importante enquanto educadores desenvolverem-se actividades estimulantes com fins que façam com que as crianças percebam a relação entre a aprendizagem e o seu fim, transportando-as para as suas vivências do dia-a-dia. A forma mais eficaz de motivar um trabalho escolar, segundo os mesmos autores, consiste em apresentá-lo como actividade ou experiência interessante.

Em todas as crianças a motivação está implícita, ou seja, todas querem aprender. O comportamento e o interesse que as crianças demonstram ao realizarem certas actividades é que dependem da sua motivação.

Para os educadores, motivar os seus alunos, é uma tarefa constante, porque afecta as aprendizagens. Assim o educador deve desenvolver algumas estratégias de actuação.

Um dos principais agentes motivadores, na sala, é a comunicação, pois é através desta que se consegue expressar as opiniões e emoções. E é através da utilização das emoções na comunicação que se pode cativar ou não os alunos. Isto vai ao encontro de Balancho e Coelho (1996) que referem que dar uma aula é mais do que falar, é um problema de comunicação entre educador e alunos. Mais do que simples mensagem intelectual, é recado emocional. Quando os alunos estão cativados pelo professor, basta sedimentar os laços de afectividade, pois são insubstituíveis e não podem estar ausentes no ensino seja qual for a faixa etária das crianças.

Subjacente à comunicação, encontra-se a postura do professor. Deve ter-se em conta a linguagem corporal e o que se transmite através dela. Isto vai ao encontro de

Sprinthall & Sprinthall (1993) que consideram que o conteúdo é importante, mas devemos acentuar o modo como as mensagens são transmitidas, pois o importante não é tanto o que se diz, mas sim a maneira como se diz. A verdadeira mensagem encontra-se no tom de voz, na expressão facial ou na postura.

Seguindo o anteriormente referido, a discente foi alterando a forma como comunicava com o grupo, foi alterando o seu tom de voz de acordo com as necessidades diárias, foi estabelecendo relações cada vez mais próximas com as crianças do grupo e teve sempre em conta a sua postura, uma vez que esta era frequentemente imitada. A postura do professor influencia as crianças pois estas têm uma tendência para imitar os comportamentos dos adultos.

Na motivação os educadores possuem grandes responsabilidades, pois devem proporcionar momentos didáticos, lúdicos e com consistência, de modo a que os alunos possam desenvolver-se tanto a nível pessoal como social. É pretendido do professor que seja dinâmico, comunicativo, afectuoso, capaz de transmitir conhecimentos, de educar, incluindo estratégias, métodos e valores importantes aos alunos.

Ao longo das intervenções a discente, para captar a atenção das crianças e as motivar, teve ainda que entrar no seu mundo, ou seja, recorreu muitas vezes ao jogo de faz-de-conta, característico desta faixa etária, apelando à fantasia, à imaginação. Sousa refere que o jogo do faz-de-conta existe desde que existem crianças.

A expressão dramática foi muito utilizada como estratégia de motivação e demonstrou grandes resultados. Através da expressão dramática foi possível levar as crianças a expressarem-se e a adquirirem aprendizagens a todos os níveis (cognitivo, afectivo, sensorial, motor). A utilização da expressão dramática como estratégia de motivação vai ao encontro de M.Chevaly (Sousa 1979), que afirma que a expressão dramática é um método de educação activa, uma técnica educativa que põe em acção a imaginação e a acção.

No que se refere à evolução da expressão dramática das crianças, segundo Sousa (1979) as crianças na faixa etária dos 5 anos são capazes de imitar exactamente o real; conseguem distinguir o real do imaginário; gostam de roupas, de se mascarar e disfarçar; imitam coisas como comboios, carros, aviões, astronautas etc; conseguem

dramatizar alguns fenómenos naturais, o sol, a lua, estrelas, vento, nuvens como personagens; são capazes de executar jogos dramáticos simples, com sucessão de acções; Conseguem ainda efectuar a sua autocritica e aceitar críticas para aperfeiçoar os seus jogos;

Uma outra estratégia utilizada pela discente foi o factor surpresa, na medida em que era sempre levado para a sala um baú, a que as crianças chamaram caixa mágica, que continha sempre objectos ou imagens relacionados com a actividade. Desta caixa iam surgindo diversos objectos, desde fantoches, fotografias, roupas, brinquedos ou livros que serviam para introduzir as temáticas e as actividades das manhãs. De acordo com Maw e Maw, citados por Oliveira e Oliveira (1996) o facto de os alunos demonstrarem curiosidade é muito importante para a aprendizagem.

A estagiária conseguiu desta forma ultrapassar a dificuldade inicial do grupo, o que foi uma mais-valia quer para a estagiária quer para as crianças. Esta experiência e a pesquisa feita para a resolução do problema sentida forneceram ferramentas para uma prática profissional futura, na medida em que irá estar mais sensível às questões da motivação e às suas implicações nas dinâmicas dos grupos.

Assim, relativamente à motivação, de acordo com o que foi dito anteriormente, a discente considera que o primeiro passo é desenvolver uma boa relação com as crianças. A empatia através do diálogo, a partilha, a valorização das qualidades humanas de cada um, a sensibilidade, o carisma e o sentido de humor, são todas características que o educador deve levar para a sala tendo em conta também estratégias de trabalho que devem ser inovadoras, diversificadas, e apoiar-se em recursos como por exemplo, materiais apelativos, de forma a prender a atenção, o interesse e a motivar a participação dos seus alunos, facilitando as aprendizagens e aumentando o conhecimento de cada um.

4. REFLEXÃO

De acordo com DEB (1997), o processo educativo deve passar por várias fases, interligadas, que se vão sucedendo e aprofundando, o que pressupõe observar, planejar, agir, avaliar comunicar e articular.

O período de observação, durante o estágio, permitiu à formanda, com o auxílio de alguns instrumentos referidos anteriormente, a recolha de informações acerca das capacidades, interesses e dificuldades das crianças. O que foi bastante importante para conhecer cada criança, indo ao encontro de DEB (1997), que refere que observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades. A partir desta recolha foi possível elaborar as perspectivas educacionais, assim como o plano curricular anual, tendo sempre presente o projecto “*Optimist*” como orientador da prática pedagógica da instituição.

Após a elaboração do plano curricular anual, o planeamento das actividades a realizar com o grupo foi feito de forma a ir ao seu encontro, utilizando sempre estratégias o mais apelativas possível, assim como materiais diversificados de forma a motivar o grupo. É importante referir ainda o apoio dado pela educadora cooperante à estagiária, que sempre a apoiou e incentivou a arriscar nas estratégias e nas actividades pois segundo a mesma no estágio é a altura certa para que se experimente e se reflita sobre o decorrer das actividades, pois se correr mal é uma aprendizagem e temos sempre alguém dentro da sala para nos apoiar. É ainda de referir que devido às características do modelo “*Optimist*” o tempo de intervenção da estagiária era apenas de 30 minutos.

Este estágio representava para a formanda um grande desafio pois era uma faixa etária com a qual nunca tinha trabalhado. A educadora era uma pessoa muito exigente a nível profissional e pessoal e, inicialmente, a estagiária foi alertada pela educadora para o facto de o grupo ser difícil de motivar e de pouca atenção. A existência de algumas crianças desestabilizadoras poderia comprometer as intenções pedagógicas e didácticas da estagiária. No início do ano, o grupo apresentava um comportamento desajustado, mas que se foi alterando ao longo do ano devido à adequação das estratégias de motivação às características do grupo.

Considerando os pontos acima mencionados, segue-se uma reflexão acerca das intenções educativas e da forma que a estagiária utilizou para as concretizar.

Como referido anteriormente a discente apenas intervinha directamente e de modo autónomo com as crianças durante um período de meia hora, das 10:00 às 10.30. Tal

representou em alguns casos dificuldades na gestão das actividades, mas também um desafio pois a discente teve de se empenhar bastante para gerir o tempo da melhor forma possível. Isto vai ao encontro de Arends (1999), que considera que no ensino o tempo pode ser visto como um recurso crítico, que há maneiras mais ou menos eficientes e mais ou menos eficazes de usar o tempo. Porém, se os alunos não aprenderem, o professor não terá sido eficaz.

De uma forma geral, a discente considera que ao longo do ano conseguiu articular as diferentes áreas de conteúdo de uma forma positiva, dessa forma conseguiu proporcionar ao grupo actividades ricas e diversidade, de acordo com as suas necessidades e sobretudo os seus interesses.

A insegurança sentida inicialmente devido ao facto de ser a primeira vez em que a estagiária estava perante um grupo na faixa etária dos cinco anos foi sendo ultrapassada devido à confiança e apoio demonstrado pela educadora cooperante.

Capítulo II – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA III

1. Apresentação da prática profissional no 1.º ciclo do ensino básico

O estágio em ensino do 1.º CEB decorreu no Colégio Paula Frassinetti ao longo de quatro manhãs por semana, das 9:00 às 12:30, no primeiro semestre do ano lectivo 2012/2013, com um grupo de 18 crianças do 2.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do EB.

Iniciou-se a de 1 de Outubro de 2012 com um período de 2 semanas de observação participante, seguindo-se as intervenções da discente, que se prolongaram até ao dia 31 de Janeiro de 2012. O estágio foi supervisionado pela Mestre Maria de Fátima Santos, tendo sido apoiado pela professora cooperante Tânia Horta.

O grupo era constituído por crianças na faixa etária dos 8 anos (feitos até Dezembro de 2012). Segundo Piaget (Papalia, 2001) estas crianças situam-se no estágio das operações concretas, o que lhes permite:

- Diferenciar a fantasia da realidade;
- Desenvolver a capacidade de classificar, de ordenar e de seriar;

- Realizar raciocínios lógicos por indução e dedução;
- Fazer juízos acerca de causas e efeitos;
- Compreender, visualizar e usar as relações espaciais;
- Operar com números;
- Perceber que uma determinada quantidade não se altera independentemente de se trocar o recipiente.
- Adquirir a capacidade crescente de compreender os pontos de vista dos outros, ajudando-as a comunicar mais eficazmente e a ser mais flexíveis nos seus julgamentos morais.

Apesar de todos os avanços nesta fase, as crianças estão ainda limitadas a um pensamento sobre as situações reais, no aqui e agora. E a capacidade para pensar de modo abstracto só se desenvolverá mais tarde.

Segundo Kohlberg (Lourenço 1992), as crianças correspondentes a esta faixa etária encontram-se no nível pré-convencional no que diz respeito ao desenvolvimento moral. Nesta fase a justiça e a moralidade reduzem-se a um conjunto de normas externas. A sociedade é pensada em função dos interesses individuais.

1.1. Caracterização da instituição

O Colégio Paula Frassinetti situa-se num edifício urbano independente, na Av. do México n.º 7, 9 e 9 A, em Lisboa.

Segundo informação recolhida, quer através do *site* do colégio, quer através de conversas informais com a professora cooperante, este colégio iniciou a sua actividade no ano lectivo de 1987/1988.

Iniciou o seu projecto educativo na base de um ensino de qualidade, enquadrado no sistema educativo em vigor, com alvará do Ministério da Educação, em regime de Paralelismo Pedagógico, de acordo com o Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo.

No currículo inserem-se disciplinas de Educação Física, Educação Musical, Inglês e Informática e as disciplinas extra-curriculares de Ballet, Piano, Guitarra e Judo.

O edifício em que funciona o Colégio Paula Frassinetti tem três pisos pelos quais se distribuem sete salas: três de educação pré-escolar e quatro do ensino do 1.º CEB; uma sala onde funciona o ginásio; uma sala polivalente para uso de professores, aulas de informática e biblioteca; um gabinete de psicologia onde se realizam as avaliações psicopedagógica e inspecções médicas aos alunos; um refeitório; um gabinete da directora e um espaço onde funciona a secretaria.

As refeições são vigiadas pelo corpo docente acompanhado por auxiliares de educação e funcionam por dois turnos, tendo em conta que o espaço é pequeno para todos os alunos ao mesmo tempo. As refeições servidas são confeccionadas na escola, mas existem alunos que trazem as refeições de casa.

Quanto à higiene, todos os espaços do colégio são mantidos com muita regularidade.

Os recursos humanos são constituídos pela directora e proprietária do estabelecimento, pelo director administrativo, duas educadoras, quatro professoras do 1.º CEB, um professor de Educação Musical, um professor de Educação Física e cinco professores de actividades de enriquecimento curricular (Judo, Inglês, Informática, Ballet, Piano), uma cozinheira, 4 auxiliares de educação e uma empregada de limpeza.

A população escolar envolve alunos com idades compreendidas entre os três e os dez anos, que provêm de famílias da classe média e alta (profissionais liberais, funcionários públicos, empresários, corpo diplomático, etc.). A área de residência destes alunos é na proximidade do colégio, ou seja, no centro de Lisboa e arredores. Deslocam-se para o colégio em viaturas particulares. O colégio não possui transporte próprio.

Todos são obrigados a usar o uniforme do colégio, não podendo usar outro tipo de vestuário, mesmo para outras actividades, como a educação física, para a qual usam fatos de treino com as cores e logótipo do colégio.

O conjunto das pessoas que exercem a sua actividade no Colégio Paula Frassinetti participa activamente para que os alunos tenham, efectivamente, aquilo a que todas as crianças deveriam ter direito: “Um bom princípio de vida”.

No que diz respeito ao projecto educativo, “Um bom princípio de vida” foi fundamentado nos Direitos Universais da Criança, designadamente no sentido de a proteger de preconceitos sociais ou religiosos e de lhe oferecer um ambiente de paz e boa vontade, com saúde e dignidade, onde reina o afecto, a estabilidade e a confiança. O colégio pretende que os alunos aprendam a compreender o valor da justiça, da liberdade, da solidariedade e da amizade, privilegiando assim a relação humana.

Segundo ainda informações retiradas da página de *internet* do colégio, a opção dos Encarregados de Educação por estes estabelecimentos de menor dimensão, mais próximos do ambiente familiar, perto da residência ou do local de trabalho, requer dos profissionais (docentes e auxiliares) um melhor acompanhamento, sem ruptura com o ambiente familiar, empenhado na socialização e educação da criança, que conduza à sua harmoniosa formação infantil.

O colégio encerra apenas no mês de Agosto. Ao longo do ano funciona de 2.^a a 6.^a feira no horário compreendido entre as 8h e as 19h.

1.2. Caracterização da turma

As afirmações que se seguem têm como base a informação obtida através de observação directa, entrevistas abertas aos alunos e conversas informais com a professora cooperante, registada na ficha da classe (Anexo N).

A turma do 2.º ano do 1.º CEB era constituída por dezasseis alunos, oito do sexo masculino e oito do sexo feminino com 7 anos feitos até final de Dezembro de 2012.

A sala da turma do 2.º ano situava-se no 2.º piso, era uma sala com boas condições de luminosidade pois existiam grandes janelas que possibilitavam a entrada de luz natural. Era composta por secretárias individuais para os alunos, um quadro preto, cabides, armários para arrumação e placares para exposição de trabalhos dos alunos.

A entrada dos alunos para a sala de aula era às 9h30m e de uma forma geral as crianças eram assíduas e pontuais, à excepção de uma aluna que morava na outra margem do rio e por essa razão chegava constantemente atrasada.

A professora responsável pela turma, segundo informações dadas pela própria licenciou-se no ISEC há mais de 6 anos. Desde o final do seu curso que trabalha neste colégio e acompanha este grupo desde o 1.º ano do EB.

Esta turma foi constituída tendo em conta a idade das crianças e o critério para a sua distribuição na sala era o comportamento.

Relativamente ao desenvolvimento intelectual, na generalidade, as crianças gostavam de expressar gostos e opiniões sobre diversos assuntos, todas partilhavam informação diariamente com a turma à excepção de duas, que eram mais reservadas. Todas as crianças demonstravam um desenvolvimento semelhante, à excepção de três, que tinham mais dificuldades na aquisição de competências nas diferentes áreas.

Uma das actividades preferidas do grupo era a leitura de livros em voz alta. Através de conversa informal com os alunos foi possível saber que as suas áreas de interesse são: o Estudo do Meio, a Matemática e a Expressão Plástica, sendo esta última área muito pouco trabalhada pela professora tutora.

Segundo a professora cooperante, tratava-se de uma turma com bastante potencial de aprendizagem, mas com fraca capacidade de concentração. A relação entre os pares nem sempre era a melhor o que não facilitava o trabalho em sala, as crianças entravam em conflito umas com as outras com muita frequência.

No que diz respeito ao desenvolvimento social e emocional do grupo, apesar de ser uma turma em continuidade (o grupo mantinha-se desde o pré-escolar), eram crianças que nem sempre se adaptavam umas às outras, não eram muito unidas, tinham dificuldade em funcionar como grupo e a maioria tinha alguma dificuldade em aceitar as diferenças de opiniões. Tinham também alguma dificuldade em respeitar a vez de falar e de resolver alguns conflitos sem a ajuda do adulto.

De uma forma geral as crianças participavam com empenho nas actividades propostas mostrando maior empenho nas actividades que englobassem a manipulação de materiais, como experiências, as que requeriam alguma competição, como por

exemplo jogos, e naquelas em que lhes era dada alguma autonomia e responsabilidade, como por exemplo na execução de uma receita, pois cada criança ficava responsável por uma tarefa específica.

Ao nível físico e motor, de uma forma geral as crianças apresentavam um bom desenvolvimento, notório nos momentos de brincadeira livre no recreio.

2. Trabalho pedagógico em sala

No Colégio Paula Frassinetti, ao contrário do Colégio Planalto, não existia nenhum modelo educativo específico, cada professor tinha a liberdade de utilizar o método de ensino mais adequado às características do seu grupo.

Após o período de observação, e algumas intervenções planeadas de acordo com as orientações dadas pela professora cooperante, foi elaborada pela formanda um projecto, que foi ao encontro do projecto educativo do Colégio, e foram realizadas actividades que tiveram sempre por base a relação com os outros.

Ao longo das suas intervenções a estagiária tentou articular as actividades com as várias áreas curriculares, muitas vezes sem sucesso devido a alguma rigidez do tempo destinado à abordagem de cada área. Foi intenção da estagiária a melhoria do ambiente de trabalho dentro da sala ao nível da relação entre pares.

Para melhor percepção da relação das áreas de conteúdo trabalhadas pela formanda ao longo das suas intervenções, apresenta-se a seguir um gráfico representativo da percentagem de áreas curriculares abordadas ao longo dos 52 dias destinados às intervenções da discente.

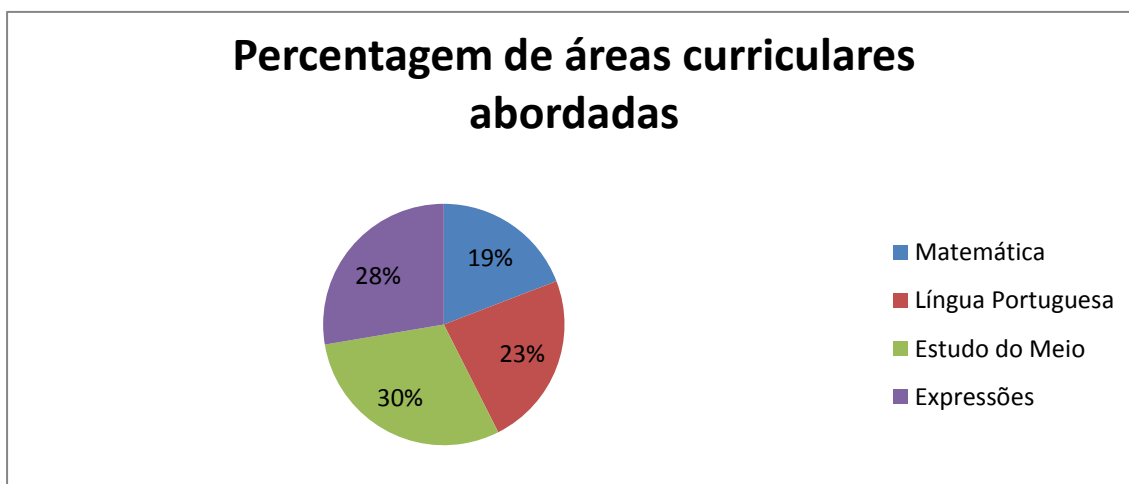


Gráfico 2- Percentagem de áreas curriculares abordadas

A partir do gráfico é possível verificar que a formanda dedicou praticamente o mesmo número de abordagens às diferentes áreas de conteúdo, sendo que a menos trabalhada foi a área da Matemática, trabalhada 9 vezes (19%), seguindo-se a área da Língua Portuguesa, com 11 abordagens (23%), a área das Expressões, que foi trabalhada 13 vezes (28%), e por fim a área do Estudo do Meio, que foi a área mais trabalhada, com um total de 14 abordagens (30%).

No que se refere à calendarização das actividades programadas pela estagiária, nem sempre conseguiu realizar as actividades previstas. Isto deveu-se a alguns imprevistos, como actividades não planeadas com antecedência pela instituição ou pela professora cooperante, visitas de estudo não programadas anteriormente, realização de fichas de avaliação, entre outros imprevistos o que levou a estagiária a ter que alterar muitas vezes as suas intervenções.

2.1. Trabalhos mais significativos em contexto de sala

As áreas do Estudo do Meio e da Língua Portuguesa foram as duas áreas que na grande maioria das intervenções serviram como ponto de partida.

As actividades que mais se destacaram foram aquelas em que foi possível articular várias áreas de conteúdo e nas quais foi promovido o trabalho em grupo de uma forma partilhada e discutida entre todos.

Como primeira actividade significativa, destaca um conjunto de tarefas que partiram da abordagem de conteúdos relacionados com os diferentes meios de comunicação. Para abordagem desta temática, a discente decidiu propor à turma um pequeno trabalho de pesquisa em grupo. Cada grupo ficou responsável por recolher informação sobre os diferentes tipos de meios de comunicação, através de pesquisa na *internet*, em livros da sala e em revistas.

Ao longo de todo o trabalho em grupo, a discente teve que intervir diversas vezes nos grupos devido ao comportamento das crianças. Entravam muitas vezes em conflito umas com as outras e não respeitavam as opiniões dos colegas.

Após a pesquisa, cada grupo elaborou um cartaz, que posteriormente apresentou à turma. A função dos grupos que não estavam a apresentar o trabalho era avaliar de uma forma construtiva, dizendo o que os colegas poderiam melhorar. Nesta fase os grupos funcionaram melhor, mas mesmo assim houve conflitos, pois dentro da turma existiam diversos “grupinhos” de amigos e por essa razão só falavam bem dos trabalhos dos seus amigos.

No final da manhã, em grande grupo, foi feito um balanço das actividades e nesta fase as crianças portaram-se melhor, conseguiram ouvir-se e chegaram à conclusão que foram injustas umas com as outras.

No dia seguinte, foi realizado o planeamento da carta. Como é um meio de comunicação e estávamos perto do Natal fez todo o sentido realizar esta actividade nesta altura. Para o planeamento deste tipo de texto, foram apresentadas à turma alguns exemplos de cartas que as crianças analisaram em grupos, destacaram as partes constituintes e relacionaram-nas. Como forma de consolidação da actividade, cada criança escreveu uma carta ao Pai Natal.

Noutro dia, a estagiária e a professora cooperante decidiram ir com as crianças até à estação dos CTT mais próxima, para que enviassem as suas cartas para o Pai Natal. A visita aos CTT correu muito bem e foi do agrado das crianças. Aproveitámos também esta saída para observar os diferentes meios de transporte existentes assim como o tipo de edifícios e de vegetação das redondezas.

Estas actividades mostraram-se importantes, na medida em que foi possível articular diferentes conteúdos de diferentes áreas de uma forma lúdica e motivadora para as crianças para além da possibilidade do trabalho em grupo. Esta actividade foi considerada significativa para a discente, uma vez que permitiu ver de uma forma objectiva a relação que as crianças tinham umas com as outras.

Uma outra actividade que a discente considera significativa, esteve relacionada com a exploração do conto da Galinha Ruiva (Anexo O), escolhido porque a cooperação, ou a falta dela, está presente nas personagens.

Em primeiro lugar a estagiária leu o conto, utilizando o livro. No final da leitura, solicitou às crianças que destacassem o momento da história de que mais tinham gostado e que o representassem, usando aguarelas numa folha A3 destinada a esse

feito. No final, em grupo procedeu-se à ordenação dos diferentes momentos da história.

No outro dia, reescrevemos a história em colectivo, utilizando os trabalhos realizados no dia anterior.

No último dia, a partir da história, foi abordado o texto instrucional. A estagiária levou a receita de pão escrita, em formato ampliado, em papel de cenário. Depois da leitura colectiva da receita, foram destacadas as partes constituintes da mesma. A partir da receita apresentada, foi feito o pão em grupo.

Esta actividade foi considerada significativa pela discente porque foi uma das actividades em que as crianças funcionaram como grupo. Organizaram-se autonomamente sem conflitos e realizaram as diferentes tarefas de uma forma tranquila. Esta actividade foi também muito importante na medida em que permitiu trabalhar todas as áreas de conteúdo.

3. PROJECTO EM CONTEXTO DE ESTÁGIO

Um projecto construído pelo professor é um projecto que diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções educativas do professor, tem em conta as preferências e as necessidades dos alunos, e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem do grupo. Na perspectiva de Leite (2001) podemos recorrer ao trabalho de projecto quando há uma situação que se pretende modificar, para dar resposta a um problema, prevendo como atingir o resultado pretendido.

O projecto que se aqui se apresenta adapta-se às características do grupo, enquadra as iniciativas das crianças, os seus projectos individuais, de pequeno grupo ou de todo o grupo.

O projecto deve assim partir da caracterização do grupo onde será implementado e a análise das suas necessidades. Deve ter em conta as competências a desenvolver em cada área de conteúdo, assim como, as estratégias a utilizar.

Segundo Joaquim Coimbra (Campos 1990) é fundamental que as pessoas se compreendam a si e aos outros para que possam estabelecer relações mais ricas com os outros. As relações que se estabelecem com os outros podem ter impactos mais ou menos positivos no processo de desenvolvimento pessoal.

Piaget diz-nos que o desenvolvimento social das crianças deve ser realizado em situações de interacção com os pares. O professor possui um papel importante na medida em que deve criar condições onde sejam dadas aos alunos oportunidades de experiência onde desenvolvam o seu crescimento pessoal.

No que se refere à tomada de perspectiva social as crianças nesta faixa etária encontram-se no nível 2, segundo Selman (1980). Possuem uma tomada de perspectiva social auto reflexiva e recíproca, ou seja, já revelam capacidades para assumir a perspectiva do outro e analisar o impacto desses pontos de vista nos seus pensamentos, emoções e acções. São capazes de ver a realidade pelo ponto de vista do outro.

Assim, coerente com a Lei de Bases do Sistema Educativo, que impõe objectivos de desenvolvimento pessoal e social, com as teorias acima apresentadas, com o projecto educativo e com as necessidades do grupo foi elaborado e implementado um projecto baseado no desenvolvimento sócio-moral e com o seguinte tema: Respeito pelo outro.

Este projecto foi implementado quatro manhãs por semana, entre Novembro de 2012 e Janeiro de 2013, e propôs-se alcançar os seguintes objectivos:

- Proporcionar experiências que favoreçam a cooperação com os outros;
- Proporcionar experiências que favoreçam o respeito pelas opiniões dos outros e pelo tempo de intervenção de cada um;
- Promover o desenvolvimento do gosto pelas tarefas de leitura e de escrita, realizando leituras e elaborando textos em conjunto com os colegas;
- Promover situações em que as crianças adquiram competências de resolução de problemas e de tomada de decisões, ouvindo e respeitando os outros.
- Proporcionar situações em que as crianças desenvolvam o gosto pelas áreas das expressões, em tarefas grupais ou a pares.

Para a concretização deste projecto foram utilizadas as estratégias por áreas de conteúdo apresentadas seguidamente em tabela para melhor percepção.

Áreas de Conteúdo	Formação pessoal e social	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do meio	Expressões
Estratégias	- Debates em grupo; - Responsabilização por escrito das crianças pelos seus actos; - Trabalhos em grupo; - Jogos com regras; - Momentos de diálogo; - Promoção do desenvolvimento de atitudes e hábitos de trabalho em grupo;	- Exploração de histórias recorrendo às tic; - Exploração de histórias recorrendo à expressão dramática; - Criação de histórias pelas crianças; - Planeamento didáctico de vários tipos de texto;	- Jogos matemáticos; - Articulação da matemática com outras áreas de conteúdo; - Utilização de problemas do quotidiano;	- Trabalhos de pesquisa em grupo; - Promoção de actividades que permitam o conhecimento de si e dos outros; - Realização de experiências com ar;	- Desenho com diversos materiais e em diversos suportes; - Pintura com diversas técnicas e em diversos suportes; - Complementar os diferentes conteúdos abordados nas diversas áreas com trabalhos colectivos de expressão plástica.

Tabela 1- Estratégias de Implementação por área de conteúdo

Para além das estratégias de implementação acima descritas, foram também utilizadas como estratégias de avaliação a realização de inquéritos aos alunos, a análise de reflexões semanais elaboradas pela discente, análise dos produtos finais dos trabalhos dos alunos assim como do processo de aprendizagem dos alunos e das conversas em grande grupo.

De uma forma geral a discente pode concluir que este projecto surgiu da necessidade do grupo, tendo-se cumprido os objectivos gerais delineados. A relação do grupo foi melhorando ao longo do tempo.

4. REFLEXÃO

O estágio em 1.º CEB foi fundamental para a formanda, uma vez que lhe possibilitou a elaboração e aplicação de um projecto pedagógico, dando-lhe algumas competências e levando-a a adquirir maiores aprendizagens.

Das actividades previstas, as que foram realizadas contaram com materiais e estratégias preparados atempadamente. Considera que foram adaptadas aos interesses e ao desenvolvimento dos alunos mas poderiam ter sido ainda mais estimulantes.

No que diz respeito ao projecto pedagógico, a discente considera que não foi o desejado mas foi o mais adequado às características do grupo, da professora cooperante e da dinâmica da sala. Ao contrário do que aconteceu no estágio em EPE, em que foi fácil a articulação das diferentes áreas no estágio em 1.º CEB foi poucas vezes possível essa articulação. Outro constrangimento foi a alteração constante das actividades planeadas devido a diversos factores, referidos anteriormente.

Apesar de decorrer em quatro manhãs, o estágio demonstrou ser pouco produtivo por decorrer apenas durante um semestre. No entanto revelou-se mais produtivo que o estágio em pré-escolar que decorreu ao longo de um ano lectivo mas só duas vezes por semana.

É de salientar que a formanda já conhecia a instituição, onde estagiou no 1.º CEB no terceiro ano da licenciatura, assim como a professora cooperante, o que facilitou a adaptação à turma.

Um outro ponto a referir como constrangedor e desmotivador para a discente foi a pressão para recorrer com frequência aos manuais. A discente sentiu algumas vezes dificuldade em planificar actividades articulando a informação contida no manual com as diferentes áreas de conteúdo.

Fazendo uma auto-avaliação, a formanda considera que reflectiu acerca das suas acções pedagógicas, de forma a melhorar a prática educativa, e tentou ir sempre ao encontro das necessidades quer da turma, quer da professora cooperante, participou no trabalho colaborativo e nos projectos da escola sempre que possível, como foi o caso da festa de Natal, das visitas de estudo e em outras actividades da instituição.

Todas as planificações da formanda tiveram em conta uma sequenciação pensada das actividades, incluindo estratégias de implementação adequadas, recursos e formas de avaliação. Sempre que necessário, ajustou as planificações às necessidades reais do grupo.

A estagiária considera como ponto menos positivo a fraca articulação com as famílias nas actividades que realizou. Este é um dos pontos a ter em conta e que servirá como reflexão para práticas futuras.

A formanda considera que a sua prestação ao longo do estágio em 1.º CEB foi razoável, uma vez que não decorreu como esperado, com a motivação e empenho desejados devido a constrangimentos ao nível pessoal que indirectamente acabaram por interferir no percurso lectivo da formanda neste ano lectivo. Existem, sem dúvida, vários pontos a melhorar por parte da discente para uma maior eficácia na sua prática pedagógica.

CONCLUSÃO

Para concluir o presente relatório, fazendo uma análise ao seu percurso no mestrado, é inevitável que a discente faça uma comparação entre as duas instituições e as duas valências em que estagiou. Ambas as instituições de ensino são instituições privadas, mas com características diferentes. Enquanto uma tem uma forte componente religiosa católica e segue um modelo educativo rigoroso, a outra rege-se por valores como o respeito e a solidariedade e, não possui nenhum modelo de ensino rígido, deixando a escolha das práticas às opções dos docentes. A discente considera que foi uma mais-valia para a sua formação o contacto com duas formas de educar distintas, podendo retirar muitas aprendizagens do estágio em ambas as instituições.

Ter estagiado em duas valências distintas, com realidades pedagógicas diferentes, foi uma experiência bastante enriquecedora, que lhe permitiu o cruzamento de diferentes experiências, dando-lhe ferramentas para a construção da sua própria identidade profissional.

Foi ainda importante para a discente o contacto com duas profissionais da educação muito diferentes, com percursos e anos de serviço também diferentes. Com ambas aprendeu muito e serão dois modelos a ter em conta na prática docente futura.

A estagiária considera ainda que teve posturas distintas em relação aos dois estágios. No primeiro demonstrou um grande empenho e sentiu-se bastante motivada, o que não aconteceu no estágio em 1.º CEB, reflectindo-se inevitavelmente no seu trabalho.

Apesar de tudo, a discente considera que estes estágios lhe serviram como ponto de partida para a profissão de educadora ou de professora do 1.º CEB. Ambas as profissões Educadora e Professora são extremamente complexas, exigentes e desafiantes, requerendo uma prática reflexiva constante levando ao aperfeiçoamento contínuo do profissional. Segundo Nóvoa (2009) são rotinas como o registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho desenvolvido e o exercício permanente da avaliação que fazem avançar a profissão docente.

SUPORTE DOCUMENTAL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balancho, M. & Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora
- Campos, B. P. (1990); *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Lisboa: Universidade Aberta
- DEB (1997); *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*; Lisboa: Editorial do Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- DEB (2004); *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º*; Lisboa: Editorial do Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Estrela, A. (1994); *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*; Porto: Porto Editora.
- Leite, C., Gomes, L., Fernandes P. (2001); *Projectos Curriculares de Escola e de Turma – Conceber, gerir e avaliar*; Porto: ASA Editores.
- Lourenço, O. M. (1997); *Psicologia de Desenvolvimento Cognitivo: Teoria, dados e implicações*; Coimbra: Almedina
- Nóvoa, A. (2009); *Professores – Imagens do futuro presente*; Lisboa: Educa.
- Papalia, D., Olds, S. e Feldman, R. (2001); *O Mundo da Criança*; Lisboa, MacGraw-Hill.
- Oliveira, J. & Oliveira, A. (1996) *Psicologia da Educação na Escola I*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional – Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Editora McGraw-Hill
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Drama e Dança*. Instituto Piaget: Horizontes Pedagógicos.
- Tuckman, B. (2000); *Manual de Investigação em Educação*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LEGISLAÇÃO

- Avaliação na Educação Pré-Escolar – Circular nº4/2011 de 11 de Abril
- Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro
- Metas de aprendizagem (2011). Estabelecimento de um quadro de Níveis de Referência para o Currículo Nacional.
- Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico – Decreto-Lei nº 241/2001, 30 de Agosto.
- Regime jurídico de Habilitação Profissional para a docência na Educação Pré-Escolar, no Ensino Básico e Secundário – DL nº 43/2007 de 22 de Fevereiro.

INFORMAÇÃO ELETRÓNICA

- Página do Colégio Planalto:
<http://www.colegioplanalto.pt/> (Acedido em Junho 2013)
- Página dos Colégios Fomento:
<http://www.colegiosfomento.pt/> (Acedido em Junho de 2013)
- Site do Colégio Paula Frassinetti: (Acedido em Junho de 2013)
<http://www.colegiopaulafrassinetti.pt/>
- Dicionário Porto Editora:
<http://www.portoeditora.pt/espacolinguaportuguesa/dol/dicionarios-online/>
(Acedido em Junho de 2013)

ANEXOS